



SCHUBERT E MAHLER

Gustavo Dudamel (d), Golda Schultz (soprano), Mahler Chamber Orchestra

Lisboa, Gulbenkian, 7 de setembro

Foi um formidável golpe mediático contar com a presença de Dudamel (Barquisimeto, 1981) para o arranque da temporada. Juvenil, prazenteiro e vulcânico, o venezuelano que inspira as orquestras a dar o seu melhor tem uma memória fotográfica e dirige as peças sem as partituras, sendo o único maestro a quem foi dedicado um hambúrguer na cidade onde dirige a Filarmónica de Los Angeles. Com dez espetáculos marcados numa digressão por cidades europeias ao longo de setembro, Dudamel veio a Lisboa com a Mahler Chamber Orchestra para dirigir um repertório em que combinou a “3ª Sinfonia”, de Schubert, com a “4ª Sinfonia”, de Mahler. Maestro e orquestra partilham o mesmo mentor, Claudio Abbado. Maximizada para uma orquestra com 77 instrumentistas, já não estamos perante o agrupamento de câmara de Abbado com os seus 45 membros de 20 nacionalidades. Instrumentistas de 17 nacionalidades fazem parte da nova formação que, na sinfonia de Mahler, inundou todo o espaço disponível, encavalitando sete contrabaixistas à esquerda do palco. No caso de Schubert, o preço a pagar foi o seguinte: a sonoridade produzida não atingiu a interação subtil e refinada das várias secções instrumentais de essência camerística, muito embora a sinfonia tenha encontrado em Dudamel um braço ligeiro. No derradeiro andamento da sinfonia de Mahler — uma vasta ruminação filosófica que alguns consideram (erradamente) que não deve ser dirigida por maestros jovens — subiu ao estrado a cantora Golda Schultz (Cidade do Cabo, 1985), uma solista que surpreendeu os espectadores pelo timbre delicioso da voz. A projeção vocal foi limitada mas a sua concentração, entrega e maneira de habitar cada frase forçaram a admiração do auditório. Inspirado em El Sistema, Dudamel é o ‘produto’ mais célebre exportado pelo método educativo-musical criado na Venezuela por José Antonio Abreu. O essencial é apostar no poder da música para unir e inspirar os cidadãos e, no final, a avaliar pela reação do público em respeito — so silêncio durante largos segundos, refreando uma louca vontade de ovacionar, o objetivo foi atingido. / **A.R.**